

Tucanos se rebelam contra Élcio

Brasília — Arnaldo Schulz

■ Planalto indica só os líderes do Governo no Congresso e na Câmara

BRASILIA — O Palácio do Planalto não anunciou de uma só vez o nome dos três novos líderes do governo devido a pressões de parte da bancada do PSDB na Câmara que se rebelou contra a indicação de dois peemedebistas — os deputados Germano Rigotto (RS) e Luiz Carlos Santos (SP) — respectivamente para representar o Executivo no Congresso e na Câmara. Com sua atitude, os tucanos adiaram a escolha do senador pelefista Élcio Álvares (ES) para a liderança do governo no Senado. Insistem que o indicado seja o senador Artur da Távola (PSDB-RJ), embora Élcio seja o preferido do presidente Fernando Henrique Cardoso.

“Não há briga. Só não há ainda decisão”, desconversou o presidente do PSDB, Pimenta de Veiga, que à noite iria reunir os caciques tucanos para tentar pôr fim à rebelião. Nos bastidores, no entanto, a briga é feia: “O PSDB tem um presidente, mas não tem poder nenhum. O partido sequer foi consultado pelo Fernando Henrique sobre a escolha do líder no Congresso. Os espaços estão todos ocupados pelo PMDB e pelo PFL”, reclamou um deputado tucano. “Até os cargos do Rio quem está indicando é o PMDB e o PFL.”

Apontado há pelo menos dois meses como o virtual líder do governo no Senado, Élcio garantiu nada saber: “Estou me sentindo como um marido traído, o último a saber. Não recebi nenhum telefonema do Planalto”, disse. No início da tarde, ele se reuniu com o líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado (CE), quando ouviu dele a garantia de que não havia dúvidas sobre seu nome.

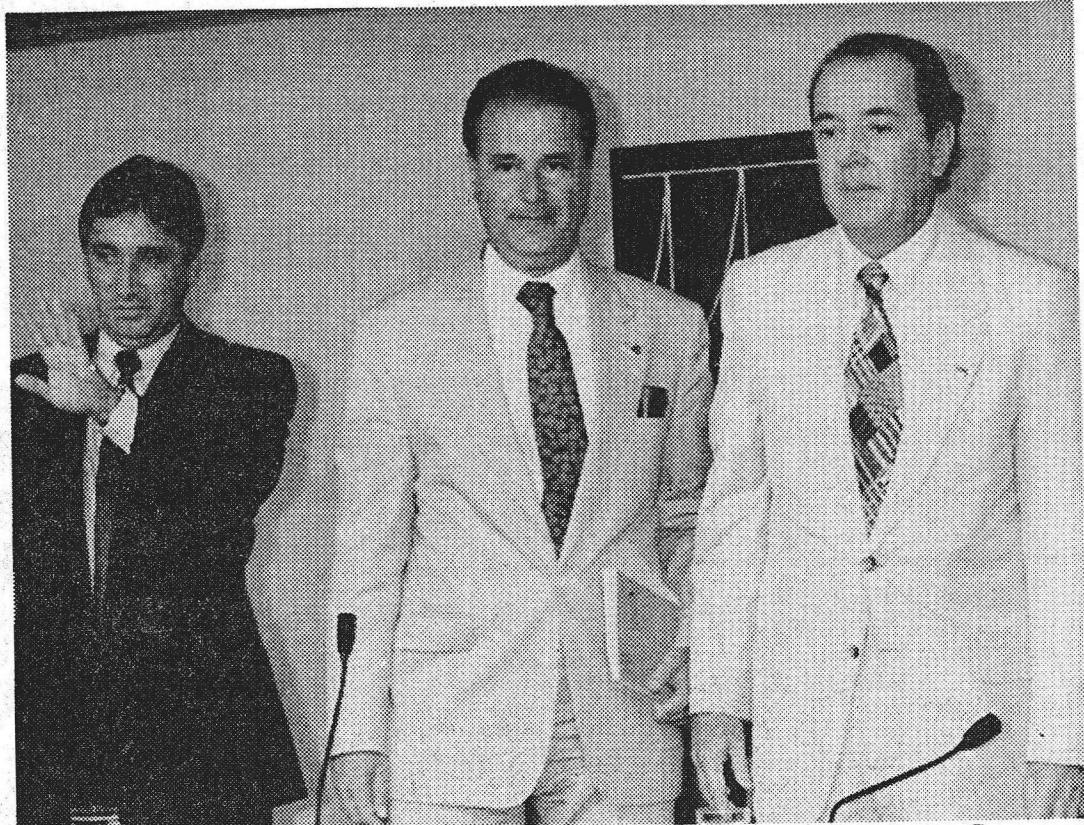
Atribuições — A disputa pelas lideranças explica-se pelas importantes atribuições que a eles serão destinadas por Fernando Henrique: vão coordenar separadamente os trâmites legislativos dos três temas básicos das reformas constitucionais — tributos, Ordem Econômica e Previdência — e se reunirão com os líderes dos partidos aliados para harmonizar as ações de interesse do governo.

O deputado Germano Rigotto (PMDB-RS), líder no Congresso, deverá ter sua atuação centrada nas mudanças do sistema tributário, área em que se destacou no Legislativo. As reformas no capítulo da Ordem Econômica e na Previdência Social ficarão com já designado líder na Câmara, deputado Luiz Carlos Santos (PMDB-SP), e com o futuro líder no Senado. Quem cuidará do que ainda depende de Fernando Henrique.

“Mais do que isso, teremos pela frente as reformas estruturais, as emendas à Constituição, que vão demandar um trabalho gigantesco”, explicou o porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral. “Como decorrência das emendas, algumas dezenas de comissões deverão ser criadas, e isto vai exigir um trabalho redobrado dos líderes do governo.”

Cargo — Ao recriar o cargo de líder do governo no Congresso, Fernando Henrique, primeiro e único ocupante do cargo, no governo Sarney, pôs fim a uma disputa interna no PMDB. O gaúcho Rigotto foi para a liderança no Congresso e o paulista Santos continuará líder do governo na Câmara. “Nada de melindres”, disse o presidente.

Na conversa que teve com os dois, ontem, Fernando Henrique deixou claro que não quer seus líderes batendo cabeça e, por isso, vai definir claramente as tarefas de cada um. “Nossa preocupação tem que ser com os resultados. O povo quer saber é das reformas e não de picuinhas. Estamos construindo um novo ciclo no país e diante disso temos que deixar a vaidade pessoal num plano menor”, disse Santos, referindo-se à exposição do presidente. “As reformas vão exigir a formação de muitas comissões especiais. Um líder apenas não conseguiria acompanhar todo o processo de negociação”, concordou Rigotto.



Rigotto (E) e Santos (D), ambos do PMDB, são os novos líderes do governo no Congresso